

## NAS TRILHAS DO DISCURSO: PESQUISAS E(M) MOVIMENTO(S)

Fernanda Lunkes\*

### 1. Primeiras palavras

Discurso, percurso: cada um destes termos, a seu modo, é mobilizado e me mobiliza nas trilhas da vida e dos estudos da linguagem. No percurso acadêmico, o encontro com a perspectiva discursiva, tal como teorizada na figura de Michel Pêcheux, na França, e que tem no Brasil uma continuidade a partir dos estudos de Eni Orlandi, ocorreu praticamente na reta final da graduação. Este encontro fez retornar uma questão mobilizada anteriormente e em diferentes circunstâncias, pergunta esta que, caminhando em silêncio, encontra um porto e cujo impacto com o horizonte apontado pela Análise de Discurso não significa sentidos de chegada, mas, finalmente, a um ponto de partida. Um arrebatamento que em muito se relaciona ao fragmento do poema *Para além da curva da estrada*, de Alberto Caeiro: “Se nós tivermos de chegar lá, quando lá chegarmos saberemos.”<sup>1</sup>

Esse efeito de chegada funciona produzindo a evidência de um suposto final, enquanto o sujeito atua de maneira fluida em sua relação com os sentidos e desliza nas tramas do discurso. Assim, o (meu) encontro com a teoria discursiva possibilita perseguir as questões que não cessam. Movimentos subjetivos e discursivos que não deixam de produzir seus efeitos e suas demandas.

---

\* Docente da Universidade Federal do Sul da Bahia. Contato: [flunkes@gmail.com](mailto:flunkes@gmail.com).

<sup>1</sup> Texto completo disponível em: < <http://arquivopessoa.net/textos/2666>>.

Como empreender um gesto de leitura destes movimentos, das perguntas que moveram um trabalho de pesquisa? E, mais ainda, como empreender este gesto de um percurso próprio de trabalho? Colocando em relevo o plano pessoal, Mariani explica que

[...] tecido pelas necessárias ilusões de homogeneidade e estabilidade, é no ‘só-depois’ do tempo psicanalítico e ideológico que produzimos sentidos para acontecimentos imprevisíveis e descontínuos que, irrompendo, levaram-nos a atitudes, gestos e falas acontecidas e para acontecer. Não é possível organizar, prever e planejar tudo – muito do que ‘escolhemos’ resulta de injunções históricas e inconscientes as quais, às vezes, apenas no ‘só-depois’ conseguimos fazer a leitura. (MARIANI, 1998, p. 13).

Nesta passagem, Mariani aponta para a complexa relação do sujeito com as escolhas feitas ao longo de sua existência, para os (des)caminhos, para as ilusões de evidência que estão em jogo a cada tomada de decisão, para os imperativos históricos e inconscientes, nos quais não são desconsiderados os gestos de resistência.

Articulando este fragmento a uma trajetória acadêmica, este “só-depois” possibilita (entre)ver enquadramentos teórico-analíticos convergentes, perguntas que, a partir de diferentes formulações, mobilizam noções e conceitos que podem ser definidas como uma espécie de eixo temático. Com esta perspectiva é que este texto será construído, qual seja, na abordagem de alguns destes pontos nos quais se faz possível compreender convergências na trajetória acadêmica até aqui percorrida, sem pretender, contudo, esgotar tais pontos ou mesmo esses efeitos convergentes. Refiro-me aos processos de designação, processos de silenciamento e corpo discursivo. Considerando esta empreitada, retomo as pesquisas de mestrado e de doutorado a partir de aspectos teóricos e apresentando alguns gestos de análise<sup>2</sup>.

## **2. Os processos de designação – e de silenciamento**

Os processos de designação consistem em um funcionamento analisado em alguns dos quais tratarei neste trabalho. As designações podem apontar para alguns dos deslizamentos produzidos quando do comparecimento do diferente sobre depressão, assim como para as posições sujeito construídas no discurso, permitindo

---

<sup>2</sup> Não sendo uma retomada exaustiva das pesquisas até o momento desenvolvidas, disponibilizo link do currículo lattes para outras informações sobre esses e outros trabalhos: <http://lattes.cnpq.br/4507366472893400>

situar em alguma medida as filiações ideológicas do discurso jornalístico de *Veja*. Uma análise que leva em conta o processo discursivo, conforme explica Orlandi (2010, p. 17) tem em vista as “relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc. que funcionam entre elementos lingüísticos – significantes – em uma formação discursiva dada.”. Com esta perspectiva, o investimento analítico é depreender os movimentos no discurso a partir das designações e a produção de sentidos para os quais estes itens lexicais apontam.

A designação, para Guimarães (2005, p. 09), diferencia-se de nomeação e referência enquanto modo de funcionamento. A designação, de acordo com o autor, atua como significação “enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação lingüística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história”.

O autor apresenta os processos de designação de acordo com a semântica do acontecimento, em que lingüístico e histórico dão corpo aos processos designativos, tornando-os ideologicamente inscritos nas relações de forças de uma formação social. Conforme enuncia o autor em outra passagem, considerar que os “nomes identificam objetos” (*ibidem*), desta perspectiva, faz com que se produza a imagem de um nome que encarne o objeto e as imagens construídas sobre ele.

Indursky (2006) analisa em um de seus estudos os processos de designação sobre os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e afirma que toda “renomeação é da ordem do político” (*idem*, p. 124). A autora assinala que no “conjunto de itens lexicais” (*ibidem*) há embates e tensões sobre a imagem que se faz deste sujeito a cada outro processo de designação: designá-lo como “camponês”, “trabalhador sem terra” ou “posseiro” aponta para diferentes mobilizações imaginárias em jogo. Designá-lo de outra maneira pode apontar discursivamente para a construção de efeitos de sentidos do sujeito de direito bem como para o silenciamento destes efeitos. Diferentes posições-sujeito que se inscrevem no discurso da luta pela terra em distintas filiações: a designação “trabalhador sem terra” situa uma designação concernente ao sujeito de direito; “posseiro”, por sua vez, aponta para efeitos de sentidos de um sujeito que atua na contraidentificação com o discurso de legitimidade do Estado, produzindo efeitos de sentidos de invasão.

As pesquisas colocam em relevo o fato de que todo processo designativo é da ordem do político e que aponta para relações de poder em jogo – tanto daquele que é designado como daquele que designa.

Como estas relações funcionam no filme *Clube da Luta*? Para trazer alguns pontos da análise, apresento algumas das sequências discursivas recortadas:

SEQÜÊNCIA 1: Quando a exploração estelar se concretizar serão as corporações que darão nome a tudo: a esfera estelar **IBM**, a galáxia **Microsoft**, o planeta **Starbucks**.

SEQÜÊNCIA 2: Se eu visse qualquer coisa legal, como uma mesinha de café no formato de yin-yang, por exemplo, tinha de comprar. O conjunto de escritório **Klipsk**, a bicicleta ergométrica **Hovetrekke**, ou o sofá **Ohamshab** de listras verdes, ou até mesmo a cúpula de abajur **Ryslampa** de papel biodegradável. Eu folheava o catálogo e me perguntava: que tipo de porcelana me define como pessoa? Tinha de tudo, até mesmo os pratos de vidro com pequenas imperfeições, prova de que foram forjados por trabalhadores indígenas simples e honestos sei lá de onde.

SEQÜÊNCIA 3: Tinha tudo dentro daquela valise: minhas camisas **Calvin Klein**, meus sapatos **Donna Karan**, minhas gravatas **Armani Exchange**.

No filme *Clube da Luta*, o personagem Jack, interpretado por Edward Norton, mobiliza um processo regular de designação: a designação de grifes. Um funcionamento que coloca em cena o forte entrelaçamento do sujeito ao discurso de mercado, relação esta marcada pelo consumo. Um jogo discursivo no qual o sujeito é lançado ao consumo com vistas, também, a sentidos de felicidade.

O trabalho de Mariani e Magalhães (2011) se dedica a compreender alguns dos sentidos nos quais são tramados, no discurso, consumo e felicidade. As autoras apontam que, na contemporaneidade, a busca pela felicidade se instaura como lugar privilegiado relacionada à posse, que não é construída no discurso como algo limitado, construindo a imagem de um futuro em que o sujeito tudo poderá ter.

Articulando ao filme *Clube da Luta*, é possível depreender no discurso de Jack o comparecimento do pronome “tudo” na relação com a posse de objetos, especificados pela designação das grifes. O uso deste termo produz diferentes direções de sentidos: trata-se de um pronome indefinido, mas que no fio do discurso aponta para o consumo de determinadas marcas.

Mariani e Magalhaães destacam que o discurso capitalista lança mão do discurso do consumo como uma das maneiras para que o sujeito possa produzir sentidos de felicidade, tanto como resultado de um estado (se é feliz porque se tem “X”) bem como de ocasião (se está feliz porque naquele momento se faz ou se tem “X”). Diante da impossibilidade de consumo ou da distância que se coloca entre o ter e o tudo ter, o sujeito é novamente lançado aos sentidos de fracasso sustentado pelo imaginário de que a felicidade somente se faz possível pelo consumo.

No discurso de Jack, o jogo de poder com a posse de determinado objeto é marcado também pela designação, na ilusão do sujeito de se dizer quem é. O discurso fílmico coloca em questão um consumo que não se restringe mais àquelas grandes conquistas de posse do sujeito, como um imóvel, por exemplo. Qualquer objeto de consumo passa a comportar efeitos de sentidos de resgatar o sujeito da rotina desgastante, atuando como promessa de prazer e completude do sujeito. O sociólogo Maffesoli (2010, p. 20) afirma que tal objeto do cotidiano “preservando sua funcionalidade, é vestido, decorado, passando a significar o obscuro objeto de desejo de que todos os momentos da existência se inscrevam em um perpétuo domingo.”

Neste movimento de análise, há que se considerar ainda, conforme Orlandi (2002, p. 55), de que “como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo “outros” sentidos.”. A autora ainda frisa o político no processo de silenciar, no qual se faz “dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer outras.”. O processo de silenciamento no filme atua em relação ao intenso processo de designação das grifes: enquanto Jack, no fio do discurso, faz comparecer diferentes marcas de diversos objetos, seu nome, por outro lado, sofre processos de silenciamento. O nome Jack foi utilizado na pesquisa por uma questão metodológica. Em nenhum momento o personagem afirma aos outros ser Jack, apesar de adotar este nome para si em certo momento<sup>3</sup>. Quando Marla, após receber um cartão com o telefone dele diz que “Não tem seu nome. Quem é você? Cornelius? Rupert? Travis? Algum desses nomes idiotas que usa?”, fui tomada pelo desconforto da indeterminação, pela ausência do nome próprio.

---

<sup>3</sup> O nome Jack foi inspirado em um artigo escrito em primeira pessoa por uma parte de um corpo humano, um órgão humano. Embora no filme não haja o reconhecimento pelas outras pessoas, ele mesmo se reconhece através de “partes” de Jack em alguns momentos. Como exemplo, cito algumas das formulações com este funcionamento: “Eu sou o canal bilial irado do Jack”, “Sou a falta de surpresa do Jack”, “Sou a vida desperdiçada do Jack”, “Sou o coração quebrado do Jack”.

Deste modo, por entre metáforas, designações de grifes e uso de nomes falsos, ele silencia o seu nome oficial. Se na formação social contemporânea produz-se a evidência de que é fundamental ter o nome reconhecido socialmente, o filme, ao silenciá-lo, permite um gesto de leitura de um sujeito intercambiável.

Passando à análise dos processos de designação empreendidos no discurso jornalístico de *Veja* sobre depressão, foram recortados termos que inscrevem a tensa relação entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2001) sobre depressão, aqueles que apontam para deslizamentos no discurso. São termos e expressões que designam a depressão a partir de adjetivações ou aqueles que, segundo gestos de leitura, produzem efeitos metafóricos a partir de matérias de *Veja* sobre depressão e/ou sobre antidepressivos, tranquilizantes e ansiolíticos.

<b>Data da matéria</b>	<b>Seção</b>	<b>Designação</b>
27/11/1968	Vida moderna	tensão
25/03/1970	Psiquiatria	fossa
25/03/1970	Psiquiatria	democrática fossa
25/03/1970	Psiquiatria	depressões
25/03/1970	Psiquiatria	fossa crônica
14/11/1979	Medicina	psicose maníaco-depressiva
14/11/1979	Medicina	desordens mentais sérias
14/11/1979	Medicina	depressão maníaca
14/11/1979	Medicina	distúrbios mentais mais suaves
14/11/1979	Medicina	ansiedades da vida diária
20/12/1989	Medicina	melancolia
20/12/1989	Medicina	stress
20/12/1989	Medicina	depressão química
20/12/1989	Medicina	depressão clínica
20/12/1989	Medicina	males da mente humana
17/06/1992	Medicina	depressão endógena
01/12/1993	Medicina	distúrbios clínicos
23/03/1994	Comportamento	mal
14/06/1995	Saúde	problemas mentais de crianças
14/06/1995	Saúde	tristeza
14/06/1995	Saúde	distúrbio
14/06/1995	Saúde	depressão infantil
14/06/1995	Saúde	manifestação depressiva
01/12/2004	Especial	transtornos da mente
06/07/2005	Guia	depressão infantil
10/08/2005	Saúde	depressão pós-parto
25/11/2009	Medicina	depressão moderada

25/11/2009	Medicina	depressão grave
25/11/2009	Medicina	depressão leve
25/11/2009	Medicina	depressão severa
10/02/2010	Saúde	depressão melancólica
10/02/2010	Saúde	depressão atípica
10/02/2010	Saúde	depressão ansiosa
10/02/2010	Saúde	depressão psicótica
10/02/2010	Saúde	depressão sazonal
10/02/2010	Saúde	depressão muito grave

**Tabela 1**

Fonte: A autora

Pode-se depreender que entre designações que especificam a depressão, há processos que produzem efeitos de sentido são mais amplos, produzindo deslocamentos.

Neste movimento discursivo foram incluídos termos como ‘tensão’, ‘fossa’ e ‘mal’, que designam a depressão. Compreendo que tais termos deslocam os sentidos de doença e produzem efeitos ligados a um sentimento, a um momento marcado pela passagem e que é, inclusive, democrático (‘democrática fossa’). Eles comparecem com maior regularidade antes do surgimento do Prozac, mas mesmo antes do medicamento já se tem a designação ‘fossa’, cuja explicação da *Veja* (25/03/1970), que designa depressão de modo informal – tratava-se de uma gíria nos anos 70. ‘Depressão’, segundo a revista, é o nome científico da ‘fossa’. Esse termo concorre para a construção de efeitos de sentidos de um mal-estar passageiro, mas quando unido no fio do discurso a outro termo, ‘crônica’, produz efeitos de sentidos de um problema que vai além de um momento determinado, como construído nas designações ‘tensão’ e ‘mal’. O termo ‘crônica’ coloca em cena este elemento que pontua uma doença que continua e cujos sentidos são de tratamento, mas não de cura. A designação ‘fossa’, no entanto, unida ao termo ‘crônica’ não aponta para uma produção discursiva cristalizada dos efeitos de sentidos de doença.

A partir dos anos 2000, estes processos de designação (‘stress’, ‘fossa’, ‘tristeza’), que não necessariamente se filiam a depressão grave, mas que indicam, ainda assim, um problema (de ordem psíquica), passam a sofrer processos de silenciamento. A designação ‘depressão’ começa a comparecer com mais regularidade e, em grande medida, passa a ser uma designação hegemônica.

Nas designações nas quais o termo ‘depressão’ comparece, entretanto, há um outro processo em jogo, o de adjetivação. Tal processo de textualização no discurso de

*Veja* produz sobre estas designações um efeito de cientificidade e concorrem para efeitos de sentido que consistem em um fechamento no processo de identificação do sujeito deprimido, possível por meio de uma singularização. Não se é somente “um deprimido”, mas um “deprimido *maníaco*”, um “deprimido *sazonal*”, um “deprimido *leve*”, cujo deslizamento se produz pelos efeitos de sentidos das adjetivações. Os processos de adjetivações produzem efeitos de sentidos de inúmeras depressões, que podem ser compartilhadas, passando a ter diferentes níveis e particularidades e a constituir a depressão em contornos diversos.

Os processos de adjetivação construídos no discurso jornalístico de *Veja* atribuem à depressão um caráter pormenorizado, o que, se por um lado, aponta para a complexidade do sintoma, por outro lado, trata-se de uma construção discursiva que produz movimentos nas filiações ideológicas: a materialidade linguística, ao ser marcada por diferentes processos de adjetivação, como ‘depressão moderada’, ‘depressão grave’, ‘depressão severa’, ‘depressão melancólica’, ‘depressão ansiosa’, produz um movimento de sentidos de sujeitos na possibilidade de inscrição como sujeitos deprimidos – ou clientes, considerando agora outro processo, mas que não será neste texto analisado: o da designação do sujeito.

### 3. O corpo discursivo

Para refletir sobre esta materialidade significante, retomo Pêcheux ([1969] 1997), que desde seus primeiros trabalhos demonstra interesse pelas manifestações do corpo enquanto atos políticos do sujeito do discurso. Tais “signos não linguísticos” o autor designa como “gestos (atos do nível simbólico)” (*idem*, p. 78), aquilo que implicava o sujeito no/do discurso e que o filiava a uma formação discursiva. Como exemplo, cita “os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios, os ‘movimentos diversos’, que tornam possíveis as intervenções indiretas do auditório sobre o orador” (*ibidem*). Pêcheux aponta que naquele momento não daria respostas à questão, mas esse era um aspecto que o interessava e que retornou em alguns momentos.

Uma retomada em torno do corpo acontece no trabalho *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, em que Pêcheux aponta o “ponto de realização impossível do assujeitamento ‘perfeito’” (PÊCHEUX,

[1975] 2009, itálicos do original). Neste texto, Pêcheux (*ibidem*, p. 278) afirma ser o corpo uma materialidade de inscrição de regularidade e de resistência frente às práticas discursivas. O ritual fabril de um trabalho em série é posto à prova por esta materialidade em seus gestos supostamente mais banais: “acontecimentos, mesmo minúsculos”, que desmontam a máquina lógica do trabalho, e vigilância silenciosa dos cartões-ponto, a eficiência dos sistemas de produção em série. De um corpo-organismo que em seu “desajeito”, no “deslocamento supérfluo”, na “aceleração súbita”, coloca em questão um corpo outro, relacionado a um sujeito histórico-ideológico, bem como a um sujeito do inconsciente, e que inscreve o corpo em tais domínios de resistência frente às práticas de trabalho e seus rituais reguladores. Um corpo que aparentemente imóvel fala sobre si e desmonta, em um pequeno ato, um sistema ameaçador em sua estrutura, cujas regras aparentemente são frias e calculadas para a perfeição. No suposto “erro” do corpo, em “um gesto mais rápido”, no “braço que pende inoportunamente”, naquele “passo mais lento”, nos “sopro[s] de irregularidade”, irrompe um sujeito em seus gestos de resistência possíveis. Mesmo no trabalho em série de uma fábrica, cujo efeito é o da repetição mecânica, a resistência comparece, é mobilizada nos gestos do corpo, em ações que se não colocam esse trabalho em série em total ameaça, inscrevem o sujeito na discursividade da denúncia, em uma posição outra que a do operário.

O corpo também é tema de reflexão no trabalho de Orlandi (2001, p. 205)<sup>4</sup>, que o define como “lugar material em que acontece a significação”. O corpo enquanto lugar simbólico e o sujeito se significando nele. Orlandi (*ibidem*, p. 209) destaca a não oposição entre corpo e linguagem, sendo que ambos produzem seus efeitos de sentido, seus deslocamentos e repetições. Um corpo que está “investido de sentidos” e que se “constitui por processos de subjetivação nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais” (*ibidem*, p. 10).

A partir da análise do corpo tatuado, do uso do *piercing* e de outras formas de registro no “corpo textual”, a autora aponta para um corpo investido dos processos de produção de sentidos relacionados a uma dada época e corresponderá (ou não) às práticas discursivas vigentes. Tatuado o corpo, pintá-lo, furá-lo: inscrições que podem ou não filiar o sujeito às práticas discursivas hegemônicas de uma determinada

---

<sup>4</sup> Refiro-me ao texto *Retomando a Palavra: Um Corpo Textual?*

época. Vale destacar a passagem na qual a autora aborda o corpo como materialidade “que se simboliza configurando uma posição sujeito constituída por novas formas de subjetivação”, pois permite compreendê-la enquanto inscrita historicamente e que se constitui a partir das práticas discursivas, de identificação ou resistência.

O debate em torno da materialidade do corpo e de seu estatuto analítico comparece no trabalho de Ferreira (2011). A autora propõe considerar o corpo enquanto “materialidade significativa” (*idem*, p. 174), designação produtiva à medida que acolhe suportes outros que serão representantes dos discursos, já que uma materialidade que se filie somente à linguística não tornaria possível a inclusão do corpo, por exemplo, enquanto objeto de estudo. A autora define a materialidade do corpo como um “lugar de observatório”, permitindo, deste modo, a “visualização do sujeito e da cultura que o constitui”, o que não significa um efeito de totalidade nesse gesto de leitura de olhar o corpo. Nesse “corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro”, permanece o “inapreensível” (*ibidem*, p.177).

Ferreira explica que sua pesquisa abarca a noção de corpo como “corpo discursivo”, ou seja, “não empírico, não biológico, não orgânico. O corpo discursivo entraria no dispositivo como constructo teórico e lugar de inscrição do sujeito. Esse corpo que fala seria também o corpo que falta [...]” (*ibidem*, p. 180). Ao adotar a perspectiva de corpo discursivo, compreende-se que as práticas de subjetivação o afetam em sua constituição e são descartadas quaisquer relações teóricas e analíticas com um corpo biológico.

Ao se abordar sujeito, minhas pesquisas têm considerado também os pressupostos do campo psicanalítico. Articulando as noções de sujeito, corpo e práticas discursivas à Psicanálise, é possível considerar a posição assumida por Kehl (2009, p. 122), para quem “A experiência humana do corpo – suas demandas, seus ritmos e suas urgências, a maior ou menor tolerância ao prazer e ao desprazer – varia de uma cultura para outra, de uma época histórica para outra.”.

O fragmento de Kehl permite considerar os processos de subjetivação enquanto práticas discursivas com implicações nos contornos do corpo. O termo “contornos” aponta para as relações de força dos processos de subjetivação e controle social. Sobre o controle social, pode-se vislumbrar traços corporais e gestos como vestígios de denúncia do sujeito a partir do próprio corpo, uma espécie de denúncia

de si, no funcionamento do um a um, podendo (ou não) se inscrever no imaginário cristalizado de um corpo aceitável socialmente.

Este percurso dá condições para compreender os sentidos produzidos sobre o corpo do sujeito inscrito em um quadro depressivo. Apontar para a historicidade, que, de acordo com Mariani (1998), compõe a discursividade, esta última sendo estatuto de “produção simbólica ininterrupta que na linguagem organiza sentidos para as relações de poder presentes em uma formação social, produção esta sempre afetada pela memória do dizer e sempre sujeita à possibilidade de rupturas no dizer” (*ibidem*, p. 24). Processo que, consoante Mariani, constitui a materialidade linguística.

A pesquisa permitiu compreender os diferentes investimentos de sentidos implicados nos processos de subjetivação do corpo ao longo da história. A afirmação de Kehl (*ibidem*) destaca um batimento da história que se faz marcar no corpo, que se coloca enquanto marca no e do sujeito. Com a tomada de posição do corpo como “lugar de observatório” (FERREIRA, 2011), faz-se possível vislumbrar os diferentes traços e movimentos do corpo discursivo em diferentes relações de poder ao longo das épocas.

Para colocar em questão os sentidos produzidos sobre o corpo do sujeito deprimido, a lentidão corporal foi posta em relação. Isto porque, se na contemporaneidade trata-se de uma das marcas que pode inscrever o sujeito em uma posição sujeito deprimido, sendo negativizada e inscrevendo o sujeito em um lugar socialmente desprivilegiado para além de um quadro depressivo, a lentidão, em outras formações sociais produzia outros sentidos, conforme aponta o trabalho de Haroche (1998).

O estudo de Haroche<sup>5</sup> volta-se à análise do corpo a partir dos gestos, das posturas e do caminhar dos reis do Estado monárquico no século XVI. A autora demonstra que o modo de andar produzia efeitos de sentidos de controle sobre as emoções. Quanto mais lento o movimento, maior o efeito de controle, daí um movimento do corpo do(s) rei(s), neste exercício de efeito de poder, que beirava à imobilidade. O corpo, que inscreve o sujeito na posição rei, inscreve em sua lentidão um efeito de poder e saber que procura “significar, comunicar, ‘fazer’; procura, na

---

<sup>5</sup> Texto *Poderes emocionais do caminhar real: os usos políticos da lentidão*, da obra *Da palavra ao gesto*.

realidade, impressionar, impor respeito, manter o respeito dos súditos.” (*ibidem*, p. 115). A lentidão, traço silenciado nos nos *institutions* e nos cerimoniais, produz sobre a figura do rei um efeito de controle, controle que nas palavras de Haroche “traduz-se, precisamente, pela impassibilidade do rosto, pela imobilidade do corpo e pela lentidão do gesto, do movimento, do caminhar.” (*ibidem*).

O capitalismo produz um deslocamento dos sentidos sobre a lentidão. Se houve um momento em que a lentidão produzia um efeito de evidência de poder, na contemporaneidade há um efeito oposto: de não poder e não saber. A lentidão relaciona-se ao efeito de uma perda de controle, uma perda de satisfação. Em síntese, a lentidão passa a apontar para uma falta, socialmente segregada, e que passa a ter como referente um sujeito que escapa aos sentidos de poder, por isso, trata-se de uma falta que tem sentidos negativizados no imaginário social. Assim, ao modo lento de andar atribui-se um efeito de falta de vontade, cujos sentidos deslizam para a preguiça. A partir do trabalho de Pêcheux ([1979] 2012, p. 80) é possível compreender um efeito da via capitalista “americana”, cuja prática discursiva atribui ao sujeito a produção de evidência do “produtor independente”, de modo a tornar-se “ele próprio progressivamente comerciante e capitalista” (*ibidem*).

Nesta forma-sujeito capitalista, todo sucesso ou fracasso em qualquer empreitada torna-se responsabilidade do próprio sujeito, sendo ele causa e efeito de suas “escolhas” individuais – supostamente livres, mas que podem implicar sanções disciplinares dependendo de quais sejam as escolhas eleitas na produção de efeitos de evidência de liberdade. Assim, filiar-se aos sentidos de preguiça é escapar de uma outra produção de evidências, a de um sujeito produtivo e eficiente, o que pode ter como consequência a segregação diante das práticas discursivas de mercado, que toma como sustentação uma memória discursiva de eficiência e produtividade que estão diretamente relacionados à rapidez das e nas ações: *Time is money*: esse enunciado sustenta uma imagem que tem permitido na contemporaneidade investir o sujeito de sentidos a partir de uma relação automática com o tempo cronológico no qual se pauta o sistema capitalista, em que qualquer tomada de decisão que não esteja direcionada unicamente para o lucro seja considerada desde sempre um prejuízo. Em contrapartida, nunca são problematizados os investimentos vazios – em termos subjetivos – e que resultam em um retorno financeiro. Na mesma direção de

efeitos de sentidos de obriedade, tais investimentos, considerados lucrativos, são tomados como um engrandecimento do sujeito, ainda que se limite a termos econômicos.

Por conseguinte, a materialidade significativa do corpo em relação à lentidão já não produz os mesmos efeitos de sentidos em relação aos movimentos lentos do rei. No espaço de guerra, por exemplo, no início do século XX, os soldados franceses eram treinados com muito peso de maneira a conseguirem suportar e responder agilmente às ações de guerra. Deslizamentos sobre os sentidos de um corpo socialmente necessário que se desloca entre os espaços (do da guerra para o espaço urbano) face à exigência de “soldados” (metáfora aqui utilizada para fazer menção ao papel do operário, do empregado, que precisa atuar e, pode-se dizer, lutar, pelo sucesso da empresa na qual trabalha) que suportem o fardo do/no trabalho com agilidade (AUDIN-ROUZEU, 2008).

Pode-se verificar que na contemporaneidade o imaginário construído sobre a lentidão aponta para um sujeito que perdeu o controle sobre seu corpo, deixando comparecer um mal-estar que deveria estar silenciado. A inscrição desses afetos indesejados no corpo pode produzir efeitos de desvalorização sobre esse sujeito “desajustado”, que não atua de maneira eficiente na posição trabalhador diante das práticas discursivas vigentes, que silenciam aquelas em descordo com as relacionadas ao discurso de mercado e ao imaginário de sucesso construído.

Relacionando os trabalhos de Pêcheux ([1975] 2009), Orlandi (2001) e Ferreira (2011), é possível compreender que o corpo é uma materialidade significativa na qual estão investidas as tensões de uma dada formação social entre, de um lado, à filiação às práticas discursivas vigentes e, de outro, à resistência a tais práticas. Nesta articulação teórica com nossa pesquisa, é possível compreender que está em jogo o que é da ordem constitutiva do sujeito – tristeza, desânimo, dor física e emocional – com o que se relaciona às práticas discursivas relacionadas ao discurso de mercado. Desse embate discursivo resultam práticas discursivas, vigentes na contemporaneidade, que têm em suas produções de efeito o controle prioritário do sujeito sobre o corpo discursivo. O imaginário do corpo produtivo, pela via do capitalismo (PÊCHEUX, [1979] 2012), produz o efeito de evidência de controle, de poder e saber, construído a partir de gestos precisos e ágeis. Sentidos que apontam

para efeitos de um suposto sujeito de saber, para o efeito de um corpo *prêt-à-porter* para o mercado de trabalho. Gestos que produzem efeitos de uma certeza de um sujeito que não erra, implacável e eficiente.

Nos efeitos de contraidentificação aos sentidos de um sujeito implacável e eficiente, pode-se considerar então aquele sujeito na qual a materialidade do corpo se inscreva em outra discursividade, já que o corpo atua enquanto materialidade que comporta estes “domínios” de saber sobre o estado mental de um sujeito.

Como exemplo, apresento um dos resultados a partir da busca no arquivo virtual de *Veja* para o termo ‘depressão’. Trata-se de uma matéria de 1968 sobre os problemas políticos e econômicos entre a URSS e a Tchecoslováquia – hoje, República Tcheca. A matéria se dedica especialmente a Alexander Dubcek, que assumiu o comando da Tchecoslováquia em 1968 e que vinha se destacando em seu país durante o que se chamou de “Primavera de Praga”. A partir de um dos subtítulos da matéria, intitulado “Acessos de depressão”, foi recortada a seguinte sequência discursiva:

SD4: A maneira exata como Alexander Dubcek foi capaz, no curto espaço de 8 meses, de **transformar-se no ídolo do seu povo, é ainda algo de misterioso** – do mesmo modo que sua habilidade em suportar as constantes tentativas de Moscou para quebrar-lhe a moral. **Seu aspecto físico, por exemplo, não explica sua performance: os olhos de Dubcek estão permanentemente inchados, seu cabelo grisalho-louro está diminuindo, sua tez adquiriu a textura de um pergaminho, e profundas rugas se abrem nos cantos de seus olhos.** Algumas vezes sua voz é tão apagada, que parece provir de algum ventríloquo. **Ele não é bem informado, nem politicamente tão sagaz, como muitos dos homens que o rodeiam. E falta-lhe, totalmente, a fria impassibilidade dos burocratas comunistas tradicionais. Ele é sujeito a acessos de depressão, chora com facilidade [...]**. (*Veja*, 16/10/1968, negritos meus).

A matéria produz sobre o corpo contornos com pontuações específicas: olhos, cabelo, tez, voz. A cada uma destas marcas do corpo, são acrescentados elementos que descrevem Dubcek com precisão: olhos ‘inchados’, ‘rugos se abrem nos cantos de seus olhos’, cabelo grisalho-louro ‘diminuindo’, tez com ‘textura de um pergaminho’, voz ‘apagada’. Tais termos e expressões negativizam esse sujeito e vêm apontar para o que há de “misterioso”, segundo a revista: a performance de Dubcek e seu forte apelo popular. O corpo discursivo, nesta produção de sentidos, funciona como uma espécie

de máquina lógica que vem comprovar alguma outra questão do sujeito, como suas ações, produzindo uma “equação linguística” (MARIANI, 1998) que funciona como: corpo disposto= sujeito eficiente/ações eficientes; corpo cansado= sujeito cansado/improdutivo/incapaz.

No fragmento, o corpo comparece como ilustração lógica de algo que falha: sinais de que algo está errado em outro lugar, construindo uma oposição entre interior/exterior do corpo discursivo do sujeito; marcas corporais que comparecem como inexplicáveis e, pode-se até mesmo dizer, imperdoáveis para o sucesso junto a uma nação – “Seu aspecto físico, por exemplo, não explica sua performance”. Na descrição do corpo, o uso de verbos produzem sentidos negativados ao mesmo tempo em que pontua na materialidade do corpo o fracasso subjetivo de Dubcek, que culmina em “acessos de depressão”, evidências de sua inaptidão às funções políticas. A sequência discursiva permite compreender a segregação do sujeito deprimido no discurso midiático. Trata-se de um sujeito que não deveria comparecer como figura notória; caso isto aconteça, esta surpresa comparece em alguns “vestígios” de sua textualização (MARIANI, 1998) tal como no discurso de *Veja*: “é ainda algo de misterioso”.

A importância política de Dubcek no contexto político e econômico de Praga em 1968 também pode ser apreendida em *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera (1984). Nesta obra, o narrador cita Dubcek, bem como retoma esta rede de memória sobre a materialidade do corpo:

[...] a euforia geral se manifestara apenas durante os sete primeiros dias da ocupação. Os dirigentes tchecos haviam sido levados pelo exército russo como criminosos, ninguém sabia onde estavam, todos temiam por suas vidas, e o ódio pelos russos embriagava como uma bebida alcoólica. Era a festa inebriante do ódio. As cidades da Boêmia estavam cobertas de milhares de cartazes pintados à mão, mostrando com destaque inscrições sarcásticas, epigramas, poemas e caricaturas de Brejnev e de seu exército, de que todos zombavam como se fossem um bando de palhaços analfabetos. Mas nenhuma festa pode durar eternamente. Enquanto isso, os russos haviam forçado os representantes do povo tcheco, que tinham sido seqüestrados, a assinar um acordo com Moscou. **Dubcek voltou a Praga com o acordo e leu seu discurso pelo rádio. Seis dias de prisão o haviam debilitado a tal ponto que mal podia falar, gaguejava, tomava fôlego, parando no meio das frases com pausas intermináveis que duravam até meio minuto.**

O acordo salvara o país do pior: das execuções e das deportações em massa para a Sibéria que todos temiam. Mas uma coisa ficou clara em seguida: a Boêmia seria forçada a se curvar diante do conquistador. **Ela iria eternamente gaguejar, vacilar, tomar fôlego como Alexandre Dubcek.** A festa terminara. Entrava-se na banalidade da humilhação. (KUNDERA, 1984, p. 25-26, negritos meus).

O fragmento de Kundera, colocado em relação ao discurso jornalístico de *Veja*, aponta para a significação polissêmica do corpo, considerando os efeitos de sentidos que são produzidos sobre Dubcek. No discurso jornalístico, produção de sentidos negativizados em torno da confiabilidade da representação política de Dubcek frente ao seu forte apelo popular, cuja prova pode ser posta na relação com o corpo, pois rompe com o imaginário de força e sucesso. Em Kundera, o corpo vacilante mostra o estilhaçamento subjetivo, marcado no corpo, diante da prisão e da tortura e da consequente rendição ao adversário político, ocorrido diante do acordo com a Rússia.

O corpo não deixa de inscrever as (tensas) relações de força, os processos de subjetivação que inscrevem tal materialidade e filiam o sujeito a diferentes lugares sociais. O quadro depressivo permite, deste modo, entrever alguns dos processos pelos quais o corpo discursivo produz inscrições e classificações em seus efeitos prontos de evidência.

#### 4. Últimas palavras

O objetivo do presente texto foi apresentar caminhos percorridos em determinadas pesquisas, situando alguns gestos de análise e dispositivos mobilizados ao longo dessa trajetória. Pela complexidade da tarefa, ou pela impossibilidade que parece me parece estar colocada, empreendi um gesto de enquadramento, me debruçando sobre os processos de designação e o corpo discursivo. Recortes que embora não coloquem em pauta todo um percurso, continuam ressoando, produzindo implicações, mesmo em pesquisas recentes. Percursos e(m) movimento(s). Conforme aponta Orlandi (2001, o analista do discurso trabalha

[...] tateando os pontos em que os sentidos se estabelecem em suas condições significando apenas algumas coisas, deixando no entanto,

na possibilidade das muitas versões, das múltiplas formulações possíveis, os sentidos em suspenso, em suas possibilidades. Que estão tão presentes quanto o que realmente se diz. (ORLANDI, 2001, p. 213)

Com este não fechamento de sentidos coloca-se em cena o movimento ou, em outras palavras, e ainda citando Orlandi (*ibidem*), as margens nas quais “nos movemos nos processos de significação.”

## Referências

- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Massacres: O corpo e a guerra. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: As mutações do olhar – o século XX**. Trad. e rev. Ephraim Ferreira Alves. V. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 365-416.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Discurso, arquivo e corpo. In: MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise; DELA SILVA, Silmara (orgs.). **Discurso, arquivo e...** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 174-183.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Trad. Ana Montoia e Jacy Seixas. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- INDURSKY, Freda. Identificação e contra-identificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST. In: MARIANI, Bethania (org.). **A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise**. São Carlos, SP: Claraluz, 2006, p. 121-132.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- LUNKES, Fernanda Luzia. **O sujeito e o corpo: construções heterogêneas no filme Clube da Luta**. São Paulo: Annablume, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. **Apocalipse: Opinião pública e opinião publicada**. Trad. Andrei Netto e Antoine Bollinger. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- MARIANI, Bethania; MAGALHÃES, Belmira. “Eu quero ser feliz”: O sujeito, seus desejos e a ideologia. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA,

Maria Cristina Leandro (orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011b, p. 125-141.

\_\_\_\_\_. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso. In: \_\_\_\_\_; LAGAZZY, Suzy. (orgs.). **Discurso e Textualidade**: Introdução às ciências de linguagem. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010, p. 11-32.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. [1979]. Foi “propaganda” mesmo que você disse?. Trad. Eni Orlandi. In: ORLANDI, Eni (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012, p.73-92.

\_\_\_\_\_. [1975]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Trad. Eni Orlandi [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. [1969]. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997a, p. 61-161.

\_\_\_\_\_; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997b, p. 163-252.